

“Geographia, importancia, methods e proccssos.”

O ensino da Geographia na escola primaria tem muita utilidade e tem importancia.

É util porque proporciona conhecimentos necessarios ás industrias, á vida; ensina o patriotismo, estudando na geographia do seu paiz o corpo de sua patria; tem o merito de introduzir o espirito da creança no mundo da sciencia, revelando-lhe algumas leis da natureza; é importante, porque desenvolve a idéa, o juizo e o raciocínio.

Ella é, pois, um dos bons elementos de educação intellectual.

O ensino da Geographia, tal como é feita hoje, differe muito do outrora. Em vez de nomes de cidades, villas, rios, montanhas, etc., a creança que hoje estuda a geographia na escola primaria tem de ante de si um material apropriado ás diversas lições que recebe: globo, mappas, quadros, etc., que facilitam extraordinariamente a sua comprehensão.

Cumpre não confundir lição de coisas com a de geographia, pelo facto de serem dadas ambas á vista do objecto. Si numa e noutra impressionamos os sentidos pela presença das coisas sensiveis, diz Chasteau, naquella (a de coisas) o objeto é o fim principal da lição, ao pano que nesta (a de geographia) o objecto é um simples termo de comparação, que nos permite comprehender melhor a demonstração um pouco difficil que ha de vir mais tarde.

Podemos considerar tres methods no ensino da Geographia:

O “antigo”, regressivo ou deductivo, consiste em fazer começar o estudo pelo que ha de mais geral, o globo sua forma e movimentos, passando em seguida ás terras e, aguas, continentes, paizes e provincias, até chegar ao local onde se acha a pessoa;

O “novo” progressivo ou inductivo, partindo da sala da classe, vae sucessivamente augmentando o circulo dos estudos, passa á topographia da casa, da rua, bairro, cidade, municipio, provincia, paiz, parte do mundo continente, até o globo terrestre: é a marcha inversa.

E o terceiro ou ecletico, que iniciando o estudo pelo que ha de mais particular, a sala de classe, a casa da escola, etc., vai logo depois dando noções sobre o globo, forma e movimentos da terra, pontos cardeais, etc..., combinando assim os dois methods anteriores.

Este terceiro methodo é usado na França e tambem entre nós e pode apresentar vantagens, porque o novo methodo pelo seu character inductivo e partindo do meio local quasi tira do ensino o seu atractivo que é a novidade, ao passo que o velho tem noções muito vagas e abstractas para quem começa.

No ensino da geographia primaria temos que distinguir taes: “a nomenclatura, a parte descriptiva e a cartographia”, no ponto de vista dos processos a empregar.

A "nomenclatura" divide-se em "geral" (que é a geographia physica ou o estudo geral dos accidentes da crosta terrestre, mares, rios montanhas, continentes, ilhas, etc.) e em "especial", (que é a geographia politica ou sythematica, o estudo de cada um desses accidentes pormenorizadamente);

A parte "descriptiva" refere-se ás raças, climas, produções, commercio, lingua, religiões, etc..., Aqui, convem ter dado o cuidado no que se refere á geographia economica, isto é, ao conhecimento das produções e do commercio do paiz Natal com os outros e das vias de comunicação entre elles existentes.

É talvez uma das partes mais importantes do ensino da geographia.

E a "cartographia" traça no papel ou no quadro negro as representações desses accidentes, esclarecendo e completando a nomenclatura.

Para o ensino da nomenclatura, temos: globos simples e em relevo, para dar a forma da terra, seus movimentos, circulos, zonas, meridianos, parallelos, equador, etc; temos as cartas muraes com inscrições e as cartas mudas para o da geographia politica e tambem para a physica.

A nomenclatura "geral" dos accidentes pode ser dada pelo proprio objecto, nos passeios escolares, onde podemos mostrar os rios, os montes, os valles, e tudo quanto existe nos arredores da cidade; é o "processo de intuição immediata"; ou pelo desenho natural dos accidentes, quando não for possivel a intuição directa e tambem pelo processo chamado "da chuva", como quer Levasseur, baseado em que nos dias de chuva, formando-se nas praças, nas ruas, miniaturas dos accidentes, como sejam, rios, lagos, afluentes, bahias, ilhas, isthmos, etc..., com as aguas que correm nas diversas direcções.

Para a parte "descriptiva", raças, climas, produções, temos os quadros parietaes com os typos humanos, os desenhos das regiões segundo os climas, os mappas economicos, etc., que são os processos a empregar.

A "cartographia", tem subida importancia; ella auxilia a comprehensão do alumno. Devemos começar essas noções de cartographia no quadro negro, onde traçaremos a planta da escola e suas immediações; depois as ruas e o bairro; mais tarde, a cidade, o rio e o monte que lhe ficam proximos, dando a cada um delles o signal ou representação que em cartographia lhe corresponde.

Os exercicios cartographicos feitos pelo professor a proposito das lições serão imitados pelos alumnos nas ardosias ou no proprio quadro negro; depois elle fará copiar os traços geraes de certas plantas e mappas, principalmente do paiz e do estado, em que se nasceu ou mora, evitando que se o faça calcando, como no rascunho, mas tendo-se em vista sempre a orientação das cartas, isto é, a collocação propria dos pontos cardeaes e a exacta posição geographica dos accidentes.

As viagens são processos complementares que não deixam de ter interesse no ensino de Geographia, uma vez que como a cartographia, completam, avisam as noções adquiridas.

Os mappas, quer os traçados, quer os mudos, não devem ser usados exclusivamente, por quanto o seu emprego combinado dá melhores resultados.

Os pancies escolares, ao ar livre, pelos arredores da cidade completam o quadro dos processos para o ensino da geographia, porque além das noções intuitivas,

ha ainda a lucrar o conhecimento instructivo daquillo que muito estimamos, embora sem o saber, que é o berço Natal.

Os exercicios sempre acompanhados de intuição, com os próprios accidentes ou com os desenhos devem ser interessantes e attrahentes, afim de despertar a attenção e o desejo da creança. O professor pode tornar a creança feliz pelos attractivos que ligar as suas lições, partindo do que é conhecido e proximo para chegar ao que é desconhecido e remoto por meio da comparação.

Já Rousseau preconisava a geographia, querendo que Emilio a aprendesse por meio das viagens; Pestalozzi animado do mesmo principio, aproveitava a intuição como termo de comparação para dar a seus alumnos em Berthoud, as noções geographicas necessarias sobre as partes da terra que elles não viam.

A escolha do texto deve ser feita com criterio e previamente ao preparar a lição.

Alguns pedagogos costumam fazer dictado de trechos já lidos; outros o fazem de trechos não conhecidos. Si considerarmos o professor tendo muitas classes a seu cargo, admite-se o dictado do trecho lido; mas, no caso de só ter uma classe, elle deverá fazel-o de trechos novos, que tenham palavras desconhecidas para as creanças, pois é esse justamente o seu lucro com o dictado, uma vez conforme fica exposto acima. Demais dizem Cané et Liquier, “Sabendo que o que lêem vae servir para o dictado, os alumnos não se preocupam sómente com lêr e comprehender o que lêem; mas elles notam tambem como se escrevem as palavras, geraes as lettras que as compõem e tratam de não esquecel-as”. Isso deixa de exercitar o ouvido no reconhecimento dos sons, nas palavras pronunciadas, evitando o esforço para graphal-as, conforme o som; mas, desenvolve apenas a memoria visual.

O exercicio de composição escripta é também de muita importancia.

Elle exige da creança a invencção ou a concepção sobre o assumpto, a coordenação das idéas e pensamentos pelas palavras e sentenças e afinal o conhecimento da maneira de escrever umas e outras.

Em geral isso pôde constar de cartas, narrações, descripções e pequenas dissertações sobre um trecho lido uma poesia, um proverbio, um quadro, etc., os factos da escola, da casa, os acontecimentos e as festas publicas tambem servirão de themas de composição.

A correção dos exercicios de redação deverá ser feita fora da classe, e o mestre apontará em cada caderno as modificações a fazer; os erros com as respectivas emendas.

É conveniente que esses exercicio, admitidos no curso elementar e na segunda classe, versem sobre objectos ou factos conhecidos que se vêem ou já foram vistos (memoria) e não sobre coisas imaginaveis.

Além destes ha ainda o exercicio de “vocabulario”, consistindo em dar uma serie de palavras, para que o alumno no procure sua significação e as empregue, mais adeante, nos exercicios de completar phrases.

Demais, a leitura de trechos correctos pelos alumnos da classe mais adiantada, a interpretação, a apreciação do modo de dizer do escriptor, são ainda lições de estylo, que se pôde dar com proveito para as creanças.

Afinal, veem na escola as noções da grammatica, completar o estudo da lingua materna.

Estas lições de grammatica em vez de seguirem o processo de decorar as definições e as regras, tao usada outrora, devem ser dadas de modo inductivo, pratico e intuitivo, isto é, começando pelos exemplos concretos - os factos, para chegar aos principios.

O professor deve utilizar-se dos conhecimentos dos alumnos, dos factos sensiveis nunca permitindo que decorem as regras, as quais, as geraes resultarão, por fim, desses factos.

Na lingua materna quanto mais exercicio houver, melhor será.

Entre os exercicios acima esternados convem estabelecer uma ordem de importancia pedagogica, a saber: 1º a composição; 2º a elocução; 3º o estylo; 4º o dictado; 5º o vocabulario e 6º a grammatica.

“A Escripta, seus principios e processos. A calligraphia”

A escripta é a arte de gravar os nossos pensamentos e sentimentos por meio de caracteres, chamados “letras”.

Ella tem muita importancia e vantagens.

Importante, porque dá formas às idéas e pensamentos; facilita a comunicação á distancia no tempo e no espaço, e é um meio de propagar as verdades da sciencia; vantagens, porque contitui para muitos himens um meio de vida, “verbi gratia”, os escripturarios, guarda livros, calligraphos, etc.

Assim, é necessario ensinar a escreve a todo o homem e é util que elle escreva bem.

A bôa escripta é a regular, completa, entelligível, que evita as duvidas, o erro, as contendas suscitadas pela má escripta, não obstante ser esta ultima mecanisada pela Graphologia.

A escripta é uma arte e não um dom natural, como o desenho, ella deve ser ensinada, muito dependendo do professor a sua perfeição.

Na escripta não há propriamente methodos; há, entretanto principios a observar e processos a empregar.

Os principios se referem à posição do corpo seja bôa é necessário que a carteira e o banco tenham altura proporcional ao alumno. Sentado elle deve apoiar os pés no sólo ou no estrado, avançando um pouco o esquerdo, estar de frente para a carteira e não com o lado direito para ella; o tronco vertical, a cabeça levemente inclinada para a frente; os braços apoiados na borda da carteira, o esquerdo segurando o papel e o direito dirigindo a penna. Entre a vista e o papel deve haver 30 cm de distancia.

2º O papel é collocado em sentido perpendicular ao corpo, na calligraphia ingleza e um pouco obliquamente da esquerda para a direita, na calligraphia franceza.

3º A penna deve ser tomada pelos 3 dedos, pollegar, indicador e medio; destinando-se a outros dois a receberem o peso da mão, suspendendo-a do papel.

A falta de observancia desses preceitos ten acarretado defeitos da vista (myopia) e deformação do tronco, das espaldas, etc.

Os processos a empregar na escripta são:

1. o quadro negro, porque ahi a mão pesada do principiante, manobra o giz e faz a letra, mais facilmente, quando os caracteres são de tamanho arbitario;
2. do quadro negro passa a ardozia com o crayon, que é uma redução daquelle, porém já muito differentes no tamanho as letras;
3. no papel com lapis e
4. no papel com penna

Isso tem em vista o adestramento dos dedos e a facilidade dos movimentos.

Chegado ao papel com tinta devemos saber qual o tamanho das letras a executar.

Há três systemas: o primeiro começava pelas letras de duas pautas de tamanho e em ordem decrescente passava às de uma só, às de meia, ate a letra commum ou cursivo.

O segundo systema reconhecendo que os dedos da creança não podem fazer as letras maiores, começava pelas menores, chegando afinal ás maiores.

O terceiro systema verificando a inconveniencia de ambos, faz começar por um tamanho medio e na ordem decrecente chega ao cursivo.

Outros processos tem sido empregados na escripta, a saber. O “rascunho”, consistente em cobrir as letras feitas a lapis ou por meio de papel transparente, (processo de calcar); a “imitação dos modelos”, que favorece o ensino colletivo, fazendo o mestre no quadro negro o modelo ou expondo-o no cartão; e tambem o “caderno preparado”, como sejam os da serie de Olavo Freire, em que ha o rascunho propriamente dito e a imitação, e são usados entre nós.

Como quer que seja, deve-se ter em vista na classe de escripta duas coisas, diz Smith, na “systematic methodology: 1º obter um bom producto e 2º acostumar a creança a conseguil-o pelo modo melhor e mais hygienico. Para isso, diz o pedagogista americano é conveniente:

1º começar a escripta no quadro negro, tendo a creança liberdade de fazer as letras do tamanho e grossura que quizer, desenvolvendo os braços e os dedos; 2º o professor executar o modelo á vista das creanças; 3º bõa posição do corpo e do papel; 4º não exigir de todos uma mesma fórma de segurar a penna, para evitar a Caimbra dos escriptores e tornar a escripta limpa e bonita.

As letras se dividem em “geradoras” e “derivadas”.

São “geradoras” i, l, o e “derivadas” as demais, que destas se formam com pequenas modoficações.

Na letra convem distinguir o “corpo” que é formado pela parte compreendida entre as duas linhas parallelas reaes ou imaginárias em que se faz a escripta e as “hastes” que são “descendentes” como no q, g, f e “ascendentes como no l, b, d, “simples” como no d, t e k e duplos como no g. l. J.

A calligraphia é a bella escripta, feta com arte, perfeição e segundo os types estabelecidos.

Diversas são as especies de calligraphia; mas duas apenas merecem attenção quando se discute qual a melhor para a escola primaria, são ellas: a ingleza, ou “vertigal” e a franceza ou “inclinada”.

Vae longe a discussão, citaremos os principaes opiniões:

Os americanos, (V.G. Smith, acima citado) preferem a vertical pelos seguintes motivos: “primeiro a tendencia por parte da creança é para a escripta vertical redonda; e demais os homens de negocios que aprenderam pelo systema inclinado, quando se livram da influencia da escola, tendem a mudar para a vertical; segundo os caracteres da escripta vertical são mais parecidos com os da imprensa e são mais legiveis; terceiro a escripta vertical aprende-se em menos tempo que a inclinada; quarto não ha argumento hygienicos contra a vertical; e quinto o Congresso Internacional de Hygiene favoreceu-a com um voto unanime.”

Por sua vez, a “Liga de Escripta Nacional”, da Franca, composta exclusivamente de hygienistas, procedendo as experiências mais completas sobre as duas escriptas, chegou as seguintes conclusões:

“No ponto de vista orthopedico reconheceu-se por unanimidade que a escripta vertical não permite á creança, uma attitude normal, por causa do continuo deslocamento do braço. Este movimento do braço ocasiona uma fadiga muscular que toma esta escripta fatigante e muito lenta e apresenta grande perigo para as creanças predispostas ás deformações e a caimbra dos escriptores.

A escriptz inclinada, que se produz por mecanismo mais simples e por conseguinte, muito menos fatigante assegura a creança uma attitude correcta: é esta que convem ensinar nas escholas. No ponto de vista opthalmologico, o dr. Pechin affirma que a escripta vertical não evita mais a myopia que a inclinada".

As razões da "Liga", parece, têm mais peso. Ha tambem na Europa uma campanha, em favor da escripta com as duas mãos, porque não só desenvolve igualmente os órgãos do corpo influenciados pelos movimentos da escripta, como tambem augmenta a utilidade de quem escreve, porque revesa as mãos e em caso de desastre em uma dellas, não fica o paciente privado de escrever.

Não é sem razão a campanha pela ambidesctria.

Nestor Lima.

“Lições de coisas, sua importancia, principio e methodos.”

As lições de coisas são rudimentos de sciencias (physica, chimica) e historia natural sob forma concreta, na escola primaria.

Seu fim, diz o dr. Devaud, é fornecer á creança representações nitidas, vivas, completas, e por percepção directa a intuição immediata. Este ensino traz-lhe uma certa somma de conhecimentos elementares, tirados do meio local; rectifica, completa as noções adquiridas já; instrue nobre as partes dos objetos e dos seres, suas propriedades, suas qualidades, sua origem, seu emprego. Ao mesmo tempo, o educando apprende a denominar os objectos, a falar sobre elles, repetindo os diversos conhecimentos que lhe foram transmitidos.

Não padecem duvida a maxima importancia e a utilidade das lições de coisas.

Importancia educativa porque o estudo das coisas desenvolve as faculdades de observação e percepção (os sentidos), a memoria, o juizo, o raciocinio, a abstração, a generaçização, etc.; utilidade porque instrue a creança com os conhecimentos que lhe são necessarios.

Ellas são, portanto, educativas e instructivas.

As lições de coisas devem ser concretas rudimentares e praticas: “concretas” porque so devem ser dadas com o objeto á vista o que provoca a observação do alumno, sobre o seu todo, suas partes, qualidades, etc.; “rudimentares”, porque as intelligencias infantis não comportam investigações subtis, discussão de theorias e leis; “praticas” porque devem ter um emprego na vida commum; taes sejam os aimentos, os objetos, usuaes, noções de physiologia, etc.

Diversos tem sido os principios que se tem tido em vista com as lições de coisas. Uns as aproveitam como elementos de moral; para reforçar a tendencia para o bem, nas creanças; outros, querem, com ellas ver somente as utilidades dos seres em relação ao homem, que deve destruir todos os entes que lhe forem nocivos; uns terceiros, fazem dellas tratados descriptivos dos seres e das coisas, limitando a isso o seu proveito; uns quartos afinal, estudam e com razão o ser vivo nas suas características, considerando os nas suas relações com o meio ambiente e as coisas inanimadas, nas suas propriedades physicas e chimicas e sua utilização á vida quotidiana.

Para que o ensino das coisas attinja o fim que se tem em vista necessita ser rigorosamente itentivo e concreto.

O programma, que deve começar pelas coisas e seres do meio local, passa, mais adiante, a tratar dos seres e coisas que se acham a distância. Donde vem que toda a lição de coisas deve ser dada, em presença do objeto natural sobre que versa, no primeiro caso e deante da sua representação, o desenho ou sim fragmento, no segundo caso.

Si se quer a cultura da intelligencia, isto é, das faculdades de observação principalmente, não é possível attingel-o com o ensino verbal e sem os objetos reaes.

Assim estabelecido, vemos que em nessa lição que pode ter lugar desde as primeiras classes até as últimas, devemos observar uma marcha:

1. Apresentação do objeto ou o seu desenho e sua denominação; observação dos alumnos das suas propriedades mais geraes, côr, forma, som, sabor e cheiro conforme fôr possivel;

2. designação de suas partes e elementos bem como a determinação de suas espécies ou variedades,
3. decomposição do objeto e seus elementos constitutivos e sua recomposição, se fôr possível;
4. Mostrar para que serve o objeto ou funcionamento do órgão ou do ser.

Exemplificando, vejamos uma lição sobre um objecto usual: o chapéo.

1. Apresentl-o-emos á classe, denominando-o e indagando sobre a sua côr, a forma, (redondo, quadrado, etc.) som e sabor (si tem) si é duro ou molle, pesado ou leve, aspero ou liso, etc.
2. Em seguida mostraremos sua copa, abas, carreira, fita, ventiladores, etc. bem como as suas espécies, cartôlas, canotier, chile, etc.
3. Descrever de que é feito (mana, palha, etc) e como se faz, já que se o não pode decompôr;
4. Mostrar que sua utilidade é a de abrigar do sol, ou da chuva, alem de ser um elemento do vestuario.

Desde os mais antigos pedagogistas verdadeiramente orientados a lição de coisas tem adquirido defensores extremados, em vista de ser um dos mais poderosos elementos da educação intellectual e um conhecimento util.

No século XVI, ellas já eram exercitadas, na alemanha, na Suíssa e em outros paizes; Rabelais fazia, no "Gargantua", pela bocca de possocrates uam completa lição de coisas; Comenias as defende na "Didactica Magna"; Rousseau queria que se exercitasse os sentidos, vendo ouvindo, tocando as coisas reaes; etc. Pestalozzi considerando-as mais como exercicio de linguagem suggerido pelos objetos; Bain que lhe dá a eese de everciciio da linguagem e tantos outros notaveis como os que mais o forem, reconheceram as suas virtudes educativas.

A lição de coisas é a educação da natureza e seus phenomenos, ou apreciados e no grande laboratorio do universo ou tocados na eschola, pelos seus typos representativos. É talvez a mais importante das disciplinas, quando bem ensinada.

“A Leitura, suas especies, methods e processos.”

A leitura é a base de todo o ensino.

Os antigos pedagogistas definiam a leitura como a expressão vocal e intelligente dos pensamentos escriptos e impressos.

Os modernos (Parker, Prince, Arnold, etc.) colocando-se no ponto de vista physico-logico, consideram-na como a aquisição de idéas e pensamentos, por meio das palavras escriptas ou impressas, dispostas em sentenças, sendo que a leitura em voz alta, é a expressão oral daquelas idéas e pensamentos, para que sejam ouvidos, entendidos e sentidos.

Sem querer investigar de onde nos vem a leitura, nem as seus preceitos como arte, devemos entretanto ter vista os beneficios que ela nos mostra, na aquisição dos conhecimentos, na comunicação da vontade e no desenvolvimento dos órgãos vocaes.

Podemos, na leitura, distinguir três graus

A “elementar”, a inicial em que se faz conhecer e distinguir os caracteres litteraes, quer isolados, quer em agrupamentos;

A “corrente” que articula correcta e continuamente todos os sons contidos num período ou num trecho, sem decompor e sem titubear, dando as devidas pausas conforme a pontuação;

A “expressiva” que consiste na leitura corrente, dando-se á voz as inflexões necessarias para exprimir o pensamento ou sentimento de quem escreveu.

Esta exige do leitor, boa compreensão do sentido das palavras e da sentença ou sentenças, capacidade de sentir pelo que lê e dominio da voz para a devida entonação.

Cada um desses grande leitura distingue-se pela classe em que é feito na 1ª infantil - a leitura elementar; na 2ª infantil - a expressiva.

Vejamos os methods e processos:

Muitos têm sido os methods inventados para começar o ensino da leitura; mas elles se podem reduzir a quatro principaes, a saber:

O “methodo alphabetico” que inicia a leitura pelo conhecimento da lettras, dando a cada uma destas um nome e um valor, ás vezes diversos, quando juntos nas palavras. Gato é soletrado por methodo: gê a = ga, tô o = to. Donde vemos que as lettras g, t e o não soaram na syllaba e na palavra, do mesmo modo que isoladas.

O “methodo phonico” (tambem chamado Post-Royal) trazendo um adeantamento sobre o alphabetico, só dá a letra o valor e não o nome, fazendo seguir as consoantes de um e mudo ou articulando-a com um ruido, de accordo com a sua função na syllaba ou na palavra. A palavra “sapo” é decomposta assim: Sss...a p...o. Este methodo começa pelo conhecimento dos sons simples, as vogaes, vindo depois as consoantes afim de serem combinadas com os sons puros conhecidos.

O de “syllabação”, abstrae do conhecimento das lettras, seja tendo nome e valor, seja com valor somente, para estudar os elementos tonicos da palavra - as syllabas, por onde começa. Assim a palavra cadeira sera decomposta nas syllabas ca-dei-ra, desprezado o conhecimento das lettras e seu valores.

Este methodo exige o conhecimento de grande numero de syllabas isoladas afim de passar á composição das palavras.

Partindo dos elementos da palavra, as letras e as syllabas, estes tres methods são syntheticos, porque tendem a fazer a recomposição da palavra, depois de conhecidas as unidades que formam. A elles se contrapõe um quarto chamado -

O “methodo analytico” que consiste ensinar a leitura pela palavra e pela a sentença.

Elle se baseia que a creança dispõe de um grande numero de palavras apprendida em casa e, pois, a escola deve aproveitar os elementos já conhecidos, isto é, ouvido e pronunciados várias vezes pela creança, para a inicial-a no conhecimento dos caracteres escriptos ou impressos que os representam.

Assim como o “methodo phonico” tem um manual que é o “Expositor da lingua materna” de Januario Sabino e Cunha e costa, ou os Cartões de leitura” tirados do mesmo expositor, assim tambem o methodo natural ou analytico tem a “cartilha de Arnold” por onde deve ser feito.

A sua marcha é seguinte: 1º passo - a idéa - o professor nos 15 a 30 primeiros dias, estabelece palestras com os alumnos, sobre assumptos das 10 licções primeiras da cartilha, provocando-os a pensar e responder em linguagem clara e por sentenças as perguntas que fizer; 2º passo - as sentenças no quadro negro - estabelecida a palestra o professor passará a escrever lentamente no quadro negro as sentenças já ditas e sentidas, pronunciando cada uma das palavras á medida que as for escrevendo, e depois, alternando a ordem, invertendo-as, afim de que os alumnos as reconheçam pela forma; 3º passo - revisão dessas licções na “cartilha”, desde as primeiras, para que fiquem bem sabidas; 4º passo - a decomposição das sentenças nas palavras e destas afinal nas syllabas, isto porém, depois de curto tempo.

Sobre estes methods expostos, principalmente entre os dois - o phonico e o analytico, levanta-se a discussão, a respeito do que deve ser preferido.

Allegam os defensores do methodo phonico que elle é mais rapido e mais sucessivel ao alumno e ao mestre; dizem os outros que o methodo analytico é mais preferivel porque se baseia na psychologia da creança, que não comporta a synthése, que é educativo, o que alias não se dá com o outro; que além de desenvolver a idea, o juizo e a palavra, ao mesmo tempo ensina ler e augmenta os conhecimentos, muito embora seja mais trabalhoso para os mestres.

A leitura corrente deve ser feita segundo as regras seguintes:

1. A leitura para ser corrente exige que o alimno conheça todas as palavras do trecho, sua pronuncia e significação ; assim o professor mandará que a classe faça a leitura mental, isto é, para si mesma.
2. As palavras novas da licção constituem dificuldades para o alumno; o professor dirá como se pronunciam e o que significam, conforme perguntas de cada um.
Esses significados podem ser de tres especies: o “natural” proprio das palavras exemplo : casa, (habitação), vapor (exhalação gazoza) etc; “figurado”, si se emprega por metaphora, ex. casa (de botão); vapor (navio movido a vapor) etc; e “technico”, especialmente empregado em cada uma das sciencias, artes e officios, ex.: collação de bens, móra, novação (direito), cursor (tivo), estorno (escripturação mercantil) etc.
3. Apprendidas todas as palavras novas para o alumno o professor mandal-o-á fazer a leitura em voz alta, com boa pronuncia, sem interrupções, de modo a ser ouvida por toda a classe. O professor ficará junto a sua mesa para acompanhar mentalmente a leitura, nunca se collocando ao pé do alumno que lê, o que é um mau costume.
As corrigendas a fazer ficarão para o fim da leitura de cada um para não a interromper.

A leitura expressiva é a mesma leitura corrente, tendo de mais que o aluno deve ler o trecho com a entonação que lhe é própria conforme é uma ordem, uma supplica, uma narração, etc.

A leitura mental, os significados são necessário para se fazer a leitura expressiva e em voz alta, compreendendo-se o sentido de todas as sentenças e exprimindo-se as variações pela maior ou menor alteração de voz.

Cumprê recomendar aos professores o maior critério na escolha dos livros de leitura pela segurança do texto, correção da linguagem, utilidade e moralidade dos trechos a ler.

Outros methods alén destes não tem importancia, bem como os demais processos são condemnados pela sua inefficacia.

(*) “Estes estudo de methodology, como o anteriormente publicado e outros que hão devir, não tem por fim um exhibicção de saber pedagogico: são simples apanhados de autores muitas vezes nelles citados, e se destinam a orientar os alumnos de Pedagogia da Eschola Normal, que luctam com grandes difficuldades nesse perticular”

Nestor Lima

A REPÚBLICA, 25/08/1911 Nº 181

Nestor Lima
Pedagogia(*)

“Ensino do desenho, sua importancia e methodos.”

O Desenho muito tempo considerado como uma arte recreativa, como desenho profissional, foi afinal reconhecido como um dos factores da educação.

De facto, elle é uma linguagem, como a falada e a escripta, tem por fim educar a vista, a observação, o gosto, a mão da creança, traçando as formas que se lhe apresentam.

Recommendado pelos mais antigos pedagogistas, desde Rousseau até hoje, tem entretanto havido grande divergencia no ponto de vista do methodo a empregar no seu ensino.

Esses methodos são tres: “o geometrico” ou de Guillanne, o Ravaisson e o natural.

O “geometrico” consiste em ensinar a creança a traçar, em primeiro logar as linhas, angulos, triangulos, quadrados, curvas, circulos, etc., em seguida, os cubos, prismas, pyramides, cylindros e cones, etc.; depois copiar modelos, representando figuras de ornamento, objecto usuais, até que por fim chega a desenhar, segundo os modelos, os animais e o homem.

Este desenho é feito em papel quadriculado, com o auxilio de instrumentos como sejam as regras, os compassos, esquadros, transferidores, etc.

O methodo de Raivaisson, baseando-se em que cada arte deve ser estudada no que ha de mais bello e perfeito, fazia o alumno começa “copiando das estampas e photographias que reproduziam as mais bellas imagens; imitava depois as obras primas da estatuaría antiga e desenhava, afinal, de modelos vivos.”

O “methodo natural”, reouidiando a geometria e instrumentos, executa o desenho das coisas e dos seres, tirando a impressão dos proprios objectos, a olho nú e com mão livre. Ainda ha sobre este methodo escholas que se debatem: uma dizendo que o desenho do natural deve ser iniciado pelos solidos geometricos typos (cubos, cylindro, cone, pyramide, esphera, etc); outra querendo que se desenhe primeiro objectos communs do mundo physico que mais se approximam daquellas formas perfectas (caixas, laranjas, chiminés, etc.).

Achamos, opina Smith, op.cit., que os primeiros trabalhos devem constar dos objectos mais communs ou simples, porque por estes as creanças teem maior interesse do que pelas formas-typos, que representam noções mais desenvolvidas a adquirir mais tarde.

O desenho não é propriamente uma lição, mas um exercicio de applicação a fazer.

Além de contituir um meio de transmitir ideas e conhecimentos e de desenvolver as faculdades mentaes de observação, do gosto esthetico, da memoria, etc.,

o desenho tem ainda um duplo affeito: primeiro com pericia os musculos e a segunda a habilidade de fazer desenhos.

Tendo em consideração que a mão da creança é pesada e inhabil, devemos fazer começar o desenho no quadro-negro ou na ardosa, dando-se á creança liberdade de executa-los do tamanho e largura que quizer e puder. Só mais tarde ella passará a desenhar no papel.

Os exercicios, (Smith, op.cit. pag 396) devem ser graduados cuidadosamente, começando por movimentos fáceis e variados, como os que se exige para fazer circulos para a direita e para a esquerda e continuando em espiraes, etc. O trabalho poderá começar com uma só mão; em seguida, ser feito com a outra e mais adeante, serão empregadas simultaneamente as duas mãos.

O valor do desenho está em que elle representa em duas dimensões (comprimento e largura) aquillo que possúe tres dimensões, comprimento, largura e cultura, como os solidos e os objetos communs.

O professor terá o cuidado de dar em principio para assumptos do desenho os objectos mais simples, como sejam corpos redondos; só mais tarde, variando com outros um pouco mais complicados, contendo diversas faces e arestas, etc.

O exercicio de desenho não deve ser muito demorado, mais deve ser exacto e intenso, o mais que for possivel.

Pode ser, e de facto, acontece, que os primeiros desenhos fiquem mal feitos, mas, o que se quer é uma semelhança na forma ou uma approximação; não se pode exigir trabalhos perfectos.

A continuação do exercicio fara modificar para melhor o desenho, podendo até ser muito bom.

Collocado, no desenho do natural, o objecto á vista da classe, cada alumno procurará executa-lo na ardozia ou no papel, como lhe for possivel; o prolessor o vigiará e auxiliará sem contudo interrmpo-lo, prohibindo o uso de instrumentos quaisquer.

A República – 23 de agosto de 1911 – folha de rosto coluna 6, Pag. 2 – coluna 1 e 2.

Coluna Pedagogia: Nestor Lima

Instrução moral e cívica e economia doméstica – métodos e processo.

Em relação ao ensino da moral um dos fatores da educação, do coração e do caráter duas correntes há entre os pedagogistas. Uns que querendo que a moral tenha um lugar próprio no horário, onde se lê principalmente noções elementares sobre os deveres do homem para consigo mesmo; para com seu pais e parentes; para com a sua pátria e para com a humanidade. Outros opinando que este ensino deve acompanhar como acessório todas as disciplinas da escola, a leitura, as lições de coisas, aritmética, a história etc., sem um lugar especial no horário das classes.

Tem triunfado até hoje os da primeira corrente reconhecendo-se mais do que no ensaio daquelas outras disciplinas deve-se tirar o quanto puder conclusões morais, porquanto a história como os heróis e os seus feitos grandiosos; a geografia com a descrição das riquezas do país; a aritmética pelos problemas sobre economia e poupança e a leitura com seu trechos de sã moral, são sem dúvida elementos bons de que um mestre deve lançar mão para influir sobre a conduta de seus discípulos no tocante ao desprezo do vício e ao culto do bem, da virtude, da energia e da coragem.

Nesse ensino dado de acordo com a corrente vitoriosa já conhecida há dois métodos:

O dedutivo pelo qual fazemos em começo a exposição da regra ou princípio de moral passando por meio de exemplos a sua aplicação particular, exemplo: acerca do dever de respeito mútuo começar pelo princípio “não faça aos outros o que não queres que te façam” passando aos diversos casos em que se verifica o princípio bem como aos maus resultados advindos do seu não cumprimento.

O método indutivo procede pela maneira inversa começando pelos diversos casos particulares e exemplos dados pelo mestre para chegar ao princípio geral que domina todos eles. É preferível que este método tendo o professor o cuidado de escrever este princípio no quadro negro.

O processo melhor a empregar é a palestra clara e simples ao alcance dos alunos a propósito da leitura do dia, dos acontecimentos da vida da escola, das boas

ações ou más dos meninos, dos fatos da vida social, das notícias da imprensa e até de fatos já passados. Pode o professor dar suas lições de moral tendo em vista sempre um princípio a reconhecer.

O aluno não deve somente ouvir mas também o professor falo-a dizer alguma coisa a respeito desses casos mediante perguntas bem dirigidas e sempre que puder baseadas nas respostas dos alunos.

Desde o curso infantil poderão ser dadas lições de moral variando apenas na forma porque quanto menores forem os alunos menos desenvolvida a inteligência devendo assim a palavra do mestre procurar interessá-los o mais que for possível.

O ensino cívico tem por fim dar à criança conhecer a organização política e administrativa do país, do estado e do município, isto é, instruí-lo sobre os seus direitos e os seus deveres como cidadão do seu país.

O ensino cívico que é um desdobramento do moral, aplicado às classes masculinas, estimula o amor da pátria formando cidadão cômico de suas prerrogativas e obrigações.

A organização política do nosso país compreende a união, o estado e o município. A primeira é soberana para as relações de defesas exteriores e certos serviços interiores. O segundo autônomo em relação a economia e o terceiro também seria um destes formando um círculo que se acha contido nos outros.

Dois métodos há portanto para conhecer essa organização.

O primeiro, dedutivo, que começando pelo círculo mais vasto, a união, passa ao estudo da organização do estado e do município afinal.

O segundo, indutivo, pelo contrário parte do município e por desdobramento chega ao estado e a união.

O estudo dos direitos e dos deveres do cidadão será feito ao mesmo tempo que se dá a conhecer a organização dos corpos políticos da nação.

Ainda que em civismo pode haver intuição porquanto o professor poderá mostrar a seus discípulos o júri funcionando, a eleição se procedendo, o conselho municipal e até o congresso, o tribunal e etc. nas suas sessões.

Além desse processo indutivo o mestre na sua preleção também usará o socrático, isto é, de perguntas e respostas a respeito dos organismos políticos de que tratar.

Ele é dado entre nós desde o curso infantil especializando-se porém na segunda classe elementar.

Está felizmente reconhecida hoje a necessidade do ensino doméstico.

Toda a existência social se baseia na família: ali pois tem de começar a educação em geral confiada exclusivamente à escola que nada pode fazer por si só.

O ensino doméstico que só deve ser feito para as meninas destina-se a habituar as mães de família do futuro nos cuidados necessários à direção da casa, dos filhos e à economia e higiene da família e da habitação nos tratamentos das moléstias etc.

Alguns países introduziram noções de economia doméstica nos programas primários outros fizeram deste ensino um ramo especial com escolas exclusivamente destinadas a esse fim.

Na Bélgica que maiores progressos tem feito neste assunto, informa-nos o senhor Albano Ramalho, “as alunas vão para a cozinha da escola e ali a professora de economia doméstica ensina a cozinhar, a fazer caldos, pesagem de diversos gêneros que devem entrar para um certo número de pessoas e depois se houve desleixo ou erro de percentagem, se fizeram mal os cálculos, as alunas sofrem as conseqüências de sua falta de atenção, vem como castigo a aplicação do sistema de reações naturais de Spencer, vendo-se obrigadas a comer o guisado que está pouco saboroso ou a sopa que não foi bem adubada (“Impressões sobre as escolas da França e Bélgica”).

A estas escolas primárias femininas estão anexas escolas maternas entregues completamente aos cuidados das suas alunas.

Além dos exercícios práticos o curso é feito também por preleções da professora a respeito desses cuidados domésticos.

Nota-se o pouco que as mães de família fazem do ensino doméstico para as suas filhas, urge portanto dar-lhes este ensino nas escolas seja por conselhos, seja praticamente o qual tem a maior utilidade no ponto de vista da família criando e desenvolvendo os hábitos de ordem e asseio.

Pode-se pois dizer que este ensino é útil, instrutivo e educativo, ele é tão salutar que “não raro penetrando na família as mães aproveitam com a educação das filhas”

A República, 18/08/1911, p. 1, coluna 4 e 5

Coluna Pedagogia: Nestor Lima

A História, sua importância métodos e processos

Uma vantajosa conquista foi a introdução do ensino da história pátria na escola primária pelo triplice motivo a saber:

Primeiro – ela é instrutiva porque nos faz conhecer os fatos e os homens do passado do nosso povo, suas ações gloriosas e as causas do desenvolvimento do país.

Segundo - ela educa a inteligência porque exercita o juízo, o raciocínio, a imaginação pelo julgamento das coisas e dos homens, pela comparação do passado com o presente, pela representação e reconstituição mental dos acontecimentos.

Terceiro – ela educa o coração desenvolvendo o sentimento do patriotismo porque mais ama aquilo que melhor se conhece e educa a vontade porque mostra o caminho a seguir na vida pública como exemplo dos antepassados e dos seus feitos dignos de imitação. Contra o ensino da história na escola primária levantam-se Jacotos negando-lhe absolutamente a utilidade e Pain a considera o mais embaraçoso dos estudos para a juventude, a estes se contrapondo Montaigne para quem ela é “um meio de nos relacionarmos com as grandes almas dos melhores séculos”. Guedes dizendo-a “eminente propícia à inspiração do entusiasmo à positiva formação do censo moral” e afinal o erudito Compayré que diz “a história é com efeito uma admirável escola de patriotismo, graças a ela a pátria deixa de ser uma fria abstração tornando-se um ente real cujo destino a criança segue através dos séculos, alegre, orgulhosa com seus triunfos e abatida nos seus reveses”.

Há três sistemas para a organização dos programas de história:

O primeiro chamado de *concêntrico* – faz o estudo de toda a história em cada um dos cursos sendo que, por exemplo, no ensino infantil dá a história pelos seus fatos principais sem detalhes, ao passo que no curso elementar desdobra mais minuciosamente o mesmo programa anteriormente explicado no curso infantil.

O segundo, chamado *sucessivo*, divide a história em períodos distribuindo-os pelos cursos como por exemplo, se no curso infantil ensinássemos a história pátria

desde a descoberta do Brasil até a independência e no curso elementar dali até os dias correntes.

O terceiro, usado na França, combina os dois porquanto começando pelo segundo sistema nas classes mais atrasadas recapitula na mais adiantada toda a história com mais desenvolvimentos em um só programa.

Entre nós o ensino da história só é feito na classe mais adiantada, a segunda elementar, mas nas vésperas dos feriados fazendo-se lições sobre os acontecimentos que se comemoram em todas as classes infantis e elementares aproximamo-nos do sistema concêntrico.

Dois são os métodos a seguir no ensino da história:

O método progressivo ou cronológico que consiste em fazer começar o ensino pelo fatos e épocas mais afastados daí passando sempre progressivamente aos tempos menos remotos e chegando até a atualidade. É o seguido entre nós.

O método regressivo usado nas escolas inglesas procede inversamente, isto é, começando pela época contemporânea até os dias mais afastados.

Ambos este métodos têm defensores podendo-se entretanto julgar o primeiro mas conforme a natureza do estudo da história.

Os processo a empregar no ensino da história são diversos. É claro que a criança melhor compreende aquilo que vê por isso o verdadeiro processo é o intuitivo por meio de figuras, quadros, retratos etc. dos fatos e dos homens.

Assim dirige-se o ensino não somente à memória mas à imaginação ao raciocínio, tornando-se interessante e animado para a criança.

A lição de história deve ser dada em palestras simples em linguagem clara ao alcance das crianças acompanha-la-emos constantemente da intuição.

A lição em forma de anedotas que é um gênero tão do gosto da infância como as histórias de trancoso e outras pode ser dada com proveito no curso infantil e mesmo nas classes elementares.

Outro processo vantajoso é o das lições a propósito dos edificios no que se refere a história local, excelentes lições de história teremos assim a propósito da Fortaleza dos Reis Magos, da Igreja da Matriz e do antigo Palácio da Ribeira que foram testemunhas dos acontecimentos mais notáveis da história do Rio Grande do Norte.

Assim por meio de perguntas bem dirigidas aos alunos e baseado nas suas próprias respostas com observação por parte deles o professor dará as lições sobre a história local.

Há ainda a leitura de bons textos, isto é, simples e claros como o processo do ensino da história, feita a leitura o professor fará um exercício de elocução a propósito dos fatos desenvolvendo e completando deste modo as noções a adquirir.

Uma das maiores dificuldades da história é a cronologia, isto, a grande leva de datas ligadas aos fatos, compêndios e tratados há que se tornam insuportáveis pela quantidade de datas que citam.

Na escola primária deve haver a maior parcimônia nas datas para evitar a acumulação ou sobrecarga na memória das crianças somente devem se mencionadas as datas dos principais acontecimentos como sejam a descoberta, a independência, a abolição, a república etc., e isso mesmo para evitar os anacronismo.

Em história como em todo ensino o mestre tem o papel principal, ele é o melhor compêndio mas também o aluno deve ser provocado a falar, a dizer sobre o que vê ou houve deixando de ser um mero auditor ou leitor.

Assim a história pátria que é a única a admitir na escola primária pode preencher seu importante destino educativo.

A República, 5/09/1911, p. 1, colunas 4 e 5

Coluna Pedagogia: Nestor Lima da folha principal.

Trabalhos manual, canto, exercícios físicos sua importância, métodos e processos.

Obedecendo as idéias de Rabelais, Montaigne, Rousseau e Pestalozzi que pugnavam pela educação simultânea do corpo e do espírito o trabalho manual foi a introduzido na escola primária na Cinécia e mais tarde na França, na Bélgica e principalmente nos Estados Unidos.

Ele atende a vários fins: a educação intelectual unindo sempre no ensino manual outras disciplinas da escola especialmente o desenho, as formas geométricas, o cálculo, a linguagem tendo em vista o desenvolvimento das faculdades; a educação estética fazendo o aluno julgar e escolher as formas e as cores; a educação física por um sistema de trabalho racional influenciando nas boas condições higiênicas; a educação moral e social iniciando a criança no bom caminho onde mais tarde se achará inspirando o gosto e amor ao trabalho ao mesmo tempo que respeito às ocupações rudes e grosseiras ("Benigno Trabalho Manual I").

O ensino manual versa sobre a manipulação em papel cartão, argila, gesso, madeira e metal, essas manipulações consistem em dobrados, recortes de papel confecção de sólidos e objetos usuais em cartão, modelagem de objetos em barro e gesso e moldagem de outros através de modelos.

Exige-se o material apropriado (papel, cartão, barro, gesso, arame etc.) e instrumentos diversos para os serviços (tesouras, cortadeiras, cola, alquidares, etc.).

Entre nós o trabalho manual masculino limita-se aos dobrados de papel e à cartonagem, os demais exercícios não os fazemos por falta de material apropriado porque os programas não cogitam deles.

Para as classes femininas há o trabalho manual também, mas constando da costura, crochê, marca etc.

Ele tem um lugar no horário das classes onde é feito visto não termos oficina especiais para isso.

Há em relação ao trabalho manual duas escolas que se debatem:

Os que fazem desse trabalho um preparo especial para os diversos ofícios pela confecção nas oficinas dos elementos que entram na composição dos objetos de acordo com os mesmos ofícios: é o método dos elementos técnicos.

Outros consideram o simples exercício manual que o restringem à confecção de objetos usuais completos sem visar uma dada profissão, é o método dos objetos usuais.

O primeiro praticado na França onde em muitas escolas as aulas praticadas são dadas por profissionais habilitados para esse fim especialmente convidados. O segundo, seguido na Bélgica, é feito pelos próprios professores das escolas primárias.

Não há dúvida que todo homem deve ter uma arte ou um ofício que lhe possa tornar menos rude à existência mas também é certo que não nas escolas primárias oficinas profissionais e que ele deve aprender a arte ou o ofício.

Assim é preferível o segundo método dos objetos usuais que desenvolvendo eficazmente a criança não se desvia do seu fim educativo para fazer dela um aprendiz de ofício qualquer. O ensino do canto tem na escola uma quádrupla utilidade: primeiro física porque fortifica os pulmões e desenvolve os órgãos vocais; segundo intelectual porque contribui poderosamente para desenvolver o conhecimento e o sentido do belo; terceiro moral porque o gosto pelo canto oferecendo às crianças uma fonte de prazeres elevados e delicados afastá-las-á mais tarde de prazeres grosseiros ou maus; quarto disciplinar porque sendo um excelente meio de regular a entrada e a saída assegura mais silêncio nas classes dando por outro lado e em certas horas, satisfação à necessidade do ruído e do movimento tão natural nas crianças (Carret et Liquier – “Traité de Pedagogie” pag.457).

Essas noções de musica vocal consistem em cantar hinos patrióticos, escolares e canções populares aprendidas de cor.

Smith oferece ao professor de canto as seguintes recomendações:

Primeiro, ensine-se de cor a criança um grande numero cânticos alegres e apropriados à sua idade.

Segundo, isso deve compreender ao mesmo tempo a letra e a música decorados para que sejam cantadas freqüentemente.

Terceiro, chame-se a atenção por meio desses cantos para o significado e o uso da escala musical deixando que isso preocupe mas não com insistência a atenção do aluno.

Quarto, ninguém se esqueça de que o ensino de canto duas coisas temos em vista: o exercício do ouvido e o exercício da voz, para obter o primeiro precisa o professor cantar ou tocar um instrumento oferecendo assim ocasião aos seus discípulos para conhecerem o tom em que cantar, porém a habilidade de reconhecer o tom não quer dizer que se seja capaz de reproduzi-lo vocalmente pelo que é necessário que os alunos dêem o tom sem auxílio dos mestres.

Quinto, os professores não devem dirigir o canto nas suas classes, se o fizerem as crianças só poderão cantar mediante o seu auxílio, perderão a energia procurando ouvir o que o professor vai dizer em seguida quando (fim da fita) é certo que eles devem cantar entoando por si mesmos o canto a seguir.

Sexto, não é necessário que o canto seja muito alto mas sim melodioso a maior intensidade do tom virá com a idade muitas vezes que se tivesse sido bem cuidadas poderiam ter se tornado musicais, na idade adulta foram arruinada na infância por causa de exercícios de canto demasiadamente altos.

A República, 9/09/1911. p. 2, colunas 3 e 4

Conclusão trabalho manual canto exercícios físicos, sua importância, métodos e processos.

Nem a melhor voz conclui Smith é a que sobressai na classe nem a excelência do ensino do canto é avaliado pelo grande barulho da classe quando canta.

As marchas deverão ser acompanhadas de canto para serem regulares dando às crianças a noção da prática do ritmo.

O piano ou o órgão acompanhando constantemente o canto é também um elemento muito necessário sendo que o professor deve saber noções de música instrumental e de solfejo.

O ensino da leitura e da teoria musical não pode ser feito na escola elementar e na infantil, só nas médias e complementares ele tem lugar.

Os exercícios físicos são o fator mais poderoso da educação do corpo.

Desde muito tempo preconizados pelos pedagogistas, eles vão tendo entrada em todos os sistemas de ensino que querem um espírito são num corpo são.

Segundo Hebert o exercício físico tem por fim o aperfeiçoamento físico que compreende a regularidade das funções orgânicas e a beleza exterior do corpo além desses dois ele tem ainda outros efeitos porque desenvolve as qualidades viris: a vontade a energia a coragem, o sangue frio a audácia e utiliza convenientemente as forças de cada um conseguindo o máximo de trabalho com o máximo de despesa.

São pois seus efeitos estético, higiênico moral e econômico ou melhor: “beleza, saúde, virilidade, direção”.

Há muito tempo as opiniões se dividem no tocante a saber quais são os melhores exercícios físicos distinguimos aqui três escolas:

Uns que preferem a ginástica de classe ou calistenia sueca consistindo em movimentos regulados de cabeça tronco membros e marchas porque tem em vistas as funções normais desenvolvendo igualmente todos os músculos.

Outros opinam pelos jogos saltos esportes clássicos corridas (natação regatas futebol etc.) e os jogos recreativos infantis porque não sendo monótonos nem recaindo sempre sobre os mesmos músculos seus efeitos repartem-se igualmente por

todo o corpo. Dão alegria, a inteira liberdade às crianças e são muito variados, entre estes está Spencer que só prefere a ginástica à falta absoluta de exercícios.

Uns terceiros mais modernos querem que um curso regular de educação física compreenda uns e outros exercícios assim Hebert propõe:

Primeiro exercícios destinados a dilatar a caixa torácica e a aumentar a capacidade respiratória.

Segundo exercícios destinados a fortificar os músculos dorsais a recuar as espáduas e fazer avançar o peito.

Terceiro exercícios destinados a fortificar os músculos abdominais a fim de evitar a obesidade e outros acidentes.

Quarto exercícios de extensão da coluna vertebral para corrigir as curvaturas exageradas e dar ao corpo uma atitude normal.

Quinto exercícios de desenvolvimento de flexionamento para os braços pernas e tronco.

Sexto marchas rápidas cursos de ligeireza saltos destinados a dar resistência com a utilidade prática imediata.

Sétimo jogos ao ar livre destinados a ativar a respiração e a circulação e a dar golpe de ação e de vista e audácia.

Oitavo enfim exercícios de aplicação e de esportes de todas as espécies que ensinarão à criança a dirigir-se a conhecer suas forças e a economizá-las.

O que está fora de dúvida é que a ginástica educativa dispensa os aparelhos complicados como a dos acrobatas.

Entre os exercícios respiratórios convém mencionar a série do Doutor Marajé que deve ser executada todos os dias nas classes:

Primeiro exercício: os braços caem ao longe do corpo, as palmas das mãos voltadas para dentro levanta-se os braços para frente e para cima fazendo inspiração depois se abaixa lentamente e pelos lados espirando.

Segundo exercício: os braços dobrados pelo cotovelo levantam-se à altura do peito inspirando, estende-se os braços horizontalmente e espirando fazem-nos voltar à primeira posição.

Terceiro consiste no movimento do tronco para traz inspirando e voltando à posição primitiva, espirando com os braços descidos ao longo do corpo.

Com as crianças que não fazem exercícios sobre pretexto de estarem doentes deve-se ter muito cuidado proporcionando-lhe exercícios que lhes agradem.

Todos devem fazer exercício até que se sintam fatigados.

A fadiga revela-se pelos movimentos respiratórios e incessantes a ponto de não se suportar uma mão na boca fechando.

O exercício em demasia não convém, ele deve ser moderado em relação com o clima local e temperatura do dia.

A República 08/08/1911, p.2 colunas 5 e 6

Coluna Pedagogia: Nestor Lima

**Aritmética sua importância e processos morfologia geométrica – quarta e quinta
colunas folha de rosto**

O ensino da matemática restringe-se na escola primária a aritmética e a morfologia geométrica.

A aritmética é uma das bases de toda a instrução primária e tem sido considerada como tal desde às escolas mais antigas que só ensinavam a ler escrever e contar até as modernas onde além destas muitas outras disciplinas são professadas.

Isso deriva da sua utilidade e importância.

Todo homem o mais rústico o mais civilizado precisa saber contar e de fato calcula mesmo que não saiba ler e escrever. Ninguém pois pode dispensar o conhecimento do cálculo na vida prática.

Assim sem chegar a enumerar vinte e muitas virtudes da aritmética como querem alguns pedagogistas veremos que ela também desenvolve/ certas faculdades da inteligência sendo que para o raciocínio é o fator por excelência da sua educação.

Acresce que sendo o cálculo uma operação mental precisa que tanto é verdadeira ser feita pela mais inexperiente criança como pelo mais profundo sábio, é agradável, interessante e atraente porque toda criança ocupa-se em contar tudo o que lhe pertence ou que tenha à mão, brinquedos, vestidos, sapatos, moedas, doces, etc.

No ensino do cálculo temos que distinguir três espécies: o cálculo material, o cálculo mental e o cálculo escrito.

O material é aquele que se faz pelos objetos como frutas, folhas, cubos, palitos, ricos, etc., no qual a operação mental se confunde com os próprios objetos.

O mental ou a conta de cabeça vulgarmente chamado que é o mais importante no ponto de vista educativo e deve ser ensinado com todo cuidado, consiste fazer só na inteligência operação sem ligá-las a objetos nem a números escritos. Estes cálculos segue uma marcha inversa do escrito, se quisermos por exemplo somar mentalmente 75 e 28 procedemos assim: primeiro as dezenas $70 + 20 = 90$ e segundo as unidade $5 + 8 = 13$ que com dezenas formam $90 + 13 = 103$. Ora, é claro que a operação

se faz das maiores para as menores o mesmo se dá nas demais operações de diminuir, multiplicar etc..

O escrito é o que reduz todas as quantidades a números escritos procedendo conforme as regras da aritmética mandam, este é mais mecânico embora haja o cálculo mental nas operações escritas.

Como a escola primária tem por fito principal educar vindo os conhecimentos como acessórios o calculo mental é o mais importante e o mais difícil de ensinar, isto porque nem sempre o homem dispõe de papel, lápis, ou tinta para fazer o cálculo escrito.

Não há propriamente senão um método para aritmética que é o intuitivo ou o concreto.

Este começa o ensino pelo que há de positivo as operações feitas com objetos à mão e pelo conhecimento dos números, o que alias participa da leitura e da escrita.

Nele se destacam perfeitamente três fases: a concreta, a concreto abstrata e a abstrata, cada uma das quais se caracteriza pelos processos empregados,.

A fase concreta é aquela em que o cálculo é feito com os objetos sensíveis é a das classes infantis e primeira elementar.

A fase concreto abstrata já não opera com os objetos mas com as palavras que os representam e trazem os números imediatamente ligados às coisas.

A fase dos problemas com os números chamados concreto, por exemplo, quatro laranjas, oito meninos aqui convém dizer que esses problemas devem ser de imediata utilidade e exatidão no que toca ao emprego e veracidade dos dados, assim, eles devem ser dados sobre coisas reais preço exato das mercadorias que se compra e não por preços inventado pelo mestre, datas históricas calculando as diferenças, distancias e superficies de países e estados etc.. Para além do exercício mental e prático que executou o menino tenha também conhecimento úteis a adquirir.

A fase abstrata é a das operações simplesmente com números sem estar ligados às coisas ou às palavras, ai intervém a teoria dos números a divisibilidade, máximo divisor e mínimo múltiplo comuns, proporções etc. Isto tem lugar na classe mais adiantada.

Para organização dos programas de aritmética na sua primeira fase há dois sistemas:

Primeiro o concêntrico consistindo em ensinar dentro de certo numero as operações ditas fundamentais, exemplo: até o numero 10 fazer adições como 2 e 2 , 3 e 3, 4 e 3, 4 e 4 etc., subtração de 5 – 3, 6 – 4, 8 – 5, 10 – 6 etc. multiplicação de 2 por 3 de 2 por 4 de 3 por 3 e 2 por 5 etc. e divisão de 8 por 2, 6 por 3 , 10 por 5 etc., daí passando para as maiores quantidades para proceder pela mesma forma.

Segundo o sucessivo pelo contrário ensina pelas operações fazendo todos os casos que nela se verificam, até números ilimitados e só passando de somar para subtrair depois de bem aprendida a primeira bem como multiplicar e dividir as frações ordinárias e decimais formando o sistema métrico uma espécie do complemento do curso de aritmética como dizem Carret et Liquier.

O primeiro sistema é preferível como querem esses pedagogistas porque desde a classe infantil, antes de haver formado a primeira dezena ensina-se à criança a somar, diminuir, multiplicar e dividir, não se separa da formação dos números inteiros a dos números decimais que daqueles decorrem naturalmente, é com medidas do sistema métrico que se dá as aplicações das quatro regras etc..

Os processos de ensino da aritmética são intuitivos e distinguem-se em espontâneos e mecânicos.

Estes são o contador mecânico, o numerador mecânico ou aritmômetro e o faciômetro, que servem para o ensino da numeração e para qual o calculo dos inteiro e das frações. Aparelhos engenhosos tem entretanto graves defeitos que os fazem ser postos à margem.

Os processos espontâneos consistem em empregar nos cálculos cubos, palitos, moedas, frutas, etc., que não fatigam nem convertem as operações em trabalhos mecânicos mas sempre exigindo esforços da inteligência e despertando o interesse das crianças.

Para o ensino da numeração tem inventado vários processos: o numerador mecânico em que as esferas são de cores e de tamanhos diferentes conforme são unidades, dezenas, centenas etc., o emprego ainda de moedas ou talvez o preferível processo de que falam Carret et Liquier com tabuinhas de um decímetro de

comprimento, um centímetro de largura e um milímetro de grossura que representam as unidades, formar juntando 10 delas uma outra 10 vezes maior que é a dezena e assim por diante.

O ensino das frações ordinárias deve ser feito por meio de objetos partidos pela metade, terça parte, quarta, quinta e etc., como por exemplo as frutas e não pelo fraciômetro que não temos e nem pode ser melhor. Estas frações não devem ser de muitos denominadores diferentes mas de metade, terços, quartos e quintos somente para dar a conhecer a noção do que é menor que é a unidade.

O fim principal do ensino da aritmética é aprender a raciocinar a refletir prestando-se toda a atenção aos cálculos que se executam e não decorando tabuadas inteiras como outrora se faziam.

Na morfologia geométrica que é o conhecimento dos sólidos e formas há quem não reconheça virtudes educativas porque sendo matemática dirigida ao raciocínio e sendo a geometria com seus teoremas e demonstrações um poderoso elemento de educação, vemos que essas operações não podem ser ensinadas às crianças porque não lhe são úteis e são abstratas e que da geometria só ensinamos a parte concreta.

A morfologia. Ora, só há a ganhar com este ensino do conhecimento dos sólidos, cubo, esfera, cone, pirâmide, prisma etc., e das formas: linhas, ângulos, quadrados etc., mas que nenhuma influência tem no exercício do raciocínio, ele é pois instrutiva e não educativa concluem.

Dois métodos se pode considerar:

Um que pretende fazer primeiro o ensino das linhas, ângulos, triângulos, quadrados no quadro negro passando depois aos sólidos, outro que começa pelos sólidos nele mostrando as linhas, os ângulos, os quadrados etc., ao mesmo tempo que no quadro negro faz destacar essas formas contidas no sólido, parece melhor este ultimo método.

O processo é o intuitivo dando-se as lições com os sólidos à vista e fazendo seu desenvolvimento no quadro negro.

A marcha a seguir é mais ou menos a das lições de coisas.

O CULTO DA PÁTRIA E A MISSÃO DOS MESTRES¹

Nestor Lima

Excelentíssimo senhor governador, minhas senhoras, meus senhores. Alguma coisa a mais do que o simples dever da pragmática me traz até aqui. É da praxe que ao diretor da Escola Normal cabe nesta solene reunião apresentar os resultados do trabalho letivo do ano, louvar o empenho dos honrados docentes, cada qual mais zeloso e mais distinto e agradecer como de coração agora o faço a assistência brilhante de famílias, autoridades, cavalheiros e alunos o seu concurso e o seu comparecimento como ao governador benemérito a confiança (p. 5) sem limite em nós depositada e o apreço que tem a instituição que o seu descortino criou e animou na hora em que nele nos despedimos oficialmente com uma imensa saudade e gratidão.

Mas não é só isso, um mandato carinhoso exige o meu paraninfado nesta cerimônia quando tenho por força das minhas funções de investir do honroso título de professor primário ao alunos que ora conclui o seu tirocínio com lustre e dignidade.

Dever declinável o primeiro eu o haveria de cumprir fosse embora na insipidez das fórmulas consagradas, confiança que desvanece e penhora essa última tão além do meu propósito várias vezes manifestado, sabe Deus como a cumpro em virtude da desproporção das minhas forças com o tamanho do encargo que me cometeram.

Por muito que eu recusasse patrocinar qualquer turma dos alunos desta escola, haja vista o melindre da minha posição (p. 6) na diretoria, tanto mais quanto no apostolado que me impus certo não deveria ter satisfeito, fosse como fosse os anseios de um como os reclamos do outro quando contrário aos interesses lídimos do ensino, moveu-me porém a consoladora certeza que me deram os professores deste ano, de que a minha ação a ninguém pode ter sacrificado porque era baseado nos moldes soberanos da justiça.

Uma palavra é muitas vezes um mundo de idéias, com o gesto, a expressão de decisões supremas.

1 Alocução proferida como paraninfo na colação de grau aos novos professores da Escola Normal em sessão solene da Congregação dos Lentes em, 19 de Novembro de 1913. Brochura formato de bolso, 28 p. Natal, Tipografia do Instituto, 1913.

O autor das lendas e narrativas mostra-nos o valor de um monossílabo na solução intrincada da contenda. Quero já, disse o príncipe Dom Pedro, mais tarde o imperador Pedro Segundo à deputação do parlamento que o consultava a respeito projeto de ser ele declarado maior aos 18 anos, e vós todos sabeis o que foi a maioria.

“Conta-se que quando se constituíram os caminhos de ferro na Rússia o Czar quis examinar (p. 7) o projeto que ligava duas grandes cidades onde tinha residência, a linha proposta era irregular e fazia curvas que prolongavam o percurso, o Czar perguntou aos engenheiros as razões que impediam a simplificação do trajeto, depois de esgotadas as explicações técnicas o soberano que não era muito ilustrado mas que queria firmemente poder fazer a viagem no tempo mais curto tomou do lápis e limitou-se como resposta aos engenheiros a unir a carta os dois pontos extremos por uma reta dizendo: “é isto o que tereis de fazer.” Nem preciso se fez demonstrar que a estrada assim se construiu (Dr. Toulouse, “Como Educar o Espírito” p. 80).

Como duma palavra se originavam grandiosas ações e foram por um gesto removidos empecilho de elevada ordem material, também só o prestígio desta palavra é que me foi dita e sobre cuja a benção creio ter exercido sempre a minha autoridade, leva-me a ascender (p. 8) o convite amistoso que os professores de hoje dirigiram ao catedrático de pedagogia.

Por que seja de bom preceito, meus prezados discípulos evitar-se tomar uma palavra por uma coisa, ainda mesmo que aquela seja a sombra desta ou aliás um meio a esconder bem longe estar de mim nestas palavras a idéia de um desconsolo antes elas exprimem o desvanecimento que sugeriu o vosso julgamento e que fez pender na balança da deliberação o lado dos vossos desejos levando de vencida o meu inveterado escrúpulo.

Basta no entanto diz Ordio que o paralelo a desenvolver pede tempo e labor “o culto da pátria e a missão dos mestres não é um simples dizer com panuldo que seduz com a beleza pirotécnica nestas festivas noite de novembro, é pelo contrário, um acerto incisivo e soberanamente verídico como apropriado ao dia e a esta solenidade.

O melhor e o mais característico (p. 9) devotamento à pátria é de certo o que merece seu símbolo, a sua cristalização no trapo a ouro e verde que tremula sobranceiro nos momentos de dó como nas horas de alegria por sobre a imensa nação brasileira.

E como seja hoje o dia da bandeira nacional devemos nós, crentes da religião do patriotismo contemplar na beleza do seu conjunto a síntese das recordações que ela encerra da nossa quadrissecular e gloriosa existência.

Na composição da nossa bandeira nada é inútil tudo tem sua razão de ser e o seu lugar.

O elemento tradicional e histórico a expressiva representação de sua opulência natural e as promessa com que o futuro nos acena, a bandeira nacional as resume como que para invocar a cada instante a grandeza da pátria que ela simboliza.

Nossa bandeira tem a sua história usamo-la através do erudito dizer de Teixeira Mendes: (p. 10) ao tempo do Brasil colônia as cores simbólicas eram o azul e o branco do pavilhão português *“por carta de Lei de 1817 Dom João VI deu por armas ao Reino do Brasil uma esfera armilar de ouro em campo azul e por decreto de 18 de Setembro de 1822 foram destituídos o escudo de armas e a bandeira que nos serviram até o glorioso 15 de novembro. Tal instituição é devida essencialmente a José Bonifácio o patriarca da nossa independência, eis os termos desse decreto: havendo o reino do Brasil de quem sou regente e perpétuo defensor declarado a sua emancipação política, entrando ocupar na grande família das nações o lugar que justamente lhe compete como nação grande, livre, independente, sendo por isso indispensável que ele tenha um escudo real de armas que não só se distinga da de Portugal e Algarves até agora reunidos, mas que sejam características desse rico e vasto continente (p. 11) e desejando que se conservem as armas a que este reino foram dadas pelo senhor rei Dom João VI, meu augusto pai, na carta de 13 de maio de 1816, ao mesmo tempo rememorar o primeiro nome que lhe fora imposto no seu feliz descobrimento e honra as 19 províncias compreendidas entre os grandes rios que são os seus limites naturais e que formam a sua integridade que eu jurei sustentar e por bem e com parecer de meu conselho de estado determinar o seguinte: será de ora em diante o escudo de armas deste reino do Brasil em campo verde de uma esfera armilar de ouro atravessada por*

uma cruz da ordem de cristo sendo circulada a mesma esfera de 15 estrelas de prata em torno de uma orla azul e firmada a coroa real diamantina sobre o escudo cujos lados serão abraçados por dois ramos de planta do café e tabaco como emblema de sua riqueza comercial representados na sua própria cor e ligados na (p. 12) parte inferior pelo laço da nação, a bandeira nacional será composta de um paralelograma verde e nele inscrito um quadrilátero romboidal cor de ouro, ficando no centro deste o escudo das armas do Brasil”.

Como se vê, diz o eminente chefe do positivismo a continuidade histórica foi respeitada na criação do emblema imperial que manteve a esfera armilar de ouro e apenas mudou o campo de azul para verde ao mesmo tempo se nota que José Bonifácio se propôs recordar a filiação histórica do povo brasileiro, lembrando pelo primeiro nome dado ao Brasil os seus antecedentes coloniais, teve outro sim cuidado de simbolizar a independência e o concurso de todos os elementos americanos de origem portuguesa por meio de uma orla sul com 15 estrelas de prata combinando desarte entre as cores da antiga metrópole a coroa era o característico peculiar da monarquia (p. 13).

Mudado o aspecto político do Brasil com a revolução de 1889 era natural que uma outra simbolização fosse dada na bandeira mas assim não foi, o decreto republicano numero 04 de 19 de novembro de 1889 estatuiu “*o governo provisório dos Estado Unidos do Brasil considerando que as cores da nossa antiga bandeira recordam as lutas e as vitórias gloriosas do exército da armada na defesa da pátria, considerando pois que essas cores independente da forma de governo simbolizam a perpetuidade e a integridade da pátria entre as outras nações, decreta, artigo I – a bandeira adotada pela republica mantém a tradição das antigas cores nacionais verde e amarelo do seguinte modo: um losango amarelo em campo verde tendo no meio a esfera celeste azul atravessada por uma zona branca em sentido oblíquo descendente da esquerda para a direita com a legenda ordem (p. 14) e progresso pontuada por 21 estrelas entre as quais da constelação do cruzeiro dispostas na sua situação astronômica quanto à distancia e o tamanho relativos representando os 20 estados da Republica e um município neutro”.*

Esse símbolo é ainda o preclaro T. Mendes que o diz, corresponde a tudo quanto ao outro tinha de essencial, ele lembra naturalmente a fase do Brasil colônia nas

cores azul e branco que matizam a esfera ao mesmo tempo que esta recorda o período do Brasil reino por trazer à memória a esfera armilar. Desperta a lembrança da fé gloriosa dos nossos antepassados e o descobrimento desta parte da América não já por meio de um sinal que atualmente um símbolo de divergência mas por meio de uma constelação cuja a imagem só pode fomentar a mais vasta fraternidade porque nela o mais fervoroso católico contemplará os mistérios insondáveis da crença medieva (p. 15) e o pensador mais livre recordará o caráter subjetivo dessa mesma crença e a poética imaginação dos nossos avós, finalmente foi mantida a idéia de representar a independência e o concurso cívicos por um conjunto de estrelas suprimiram-se os ramos do tabaco e do café porque sobrecarregariam o pavilhão com a especificação que não mais corresponde à realidade visto como não são os únicos objetos agrícolas do comércio do Brasil além de ocuparem um lugar secundário no mesmo comércio sob o ponto de vista moral, o verde ou o amarelo da bandeira já representavam suficientemente o aspecto industrial do Brasil por isso caracterizam “o conjunto das produções da natureza viva e da natureza morta”.,

Para a representação dos elementos que compõem a unidade política construiu-se um seio ideal tanto quanto permite a liberdade estética recordando o aspecto (p. 16) sideral do Rio de Janeiro da noite de 15 de novembro.

Cortando a 2/3 o sentido da sua órbita a legenda ordem e progresso assinala a tendência de conciliação na ordem social pelo amor como na ordem astronômica pela atração dos partidos opostos que no ocidente se debatem mas que no Brasil se devem harmonizar e fazer a sua prosperidade, façamos a distribuição com a palavra poética do ilustre conterrâneo Alípio Bandeira: todo grupo estrelar comandeia distinto na passagem distinguida que o trono de César se dizia outrora e hoje cruzeiro se apelida .

*sobre a faixa vê as somente aquela de parco enamorada companhia
e sob as outras todas mesmo a bela reluzente nortista da fronteira
fica em baixo e é do subaliza e barca nossa meiga polar sigma de
oitante*

que a capital brasileira também marca pois é a esfera se inclina do bastante

à direita terás as treze que afoito mestre Johannes pintou mais longe vendo também de escorpião o grupo de oito que Antares mais uma vez vem descendo (p.17)

a sinistra Canopus está patente ainda em médio lugar rubras Sonora a de Horácio canícula fulgente e mais alto prociam que uni-lo adora

Cada uma dessas estrelas obedecem na disposição há considerações importantíssimas ver-se sobre a faixa pro cião pertencente a constelação do pequeno cão do hemisfério cententrional porque nesse hemisfério estende-se larga faixa larga do território de nossos estados, a estrela espiga da constelação de virgem recorda a descoberta da precisão dos equinócios e o grande parco fundador da astronomia, todas elas são austrais menos pro cião por isso que o Brasil estende-se abaixo da linha equatorial sob a serena majestade do céu antártico.

Em resumo conclui Teixeira Mendes “o estandarte da Republica simbolizam o nosso passado, o nosso por vir e o nosso presente, a nossa terra e o nosso céu os feitos dos nosso pais e as nossa aspirações” (p. 18) liga-nos à França e ao ocidente pelo verde de que lembra a esperança, paz e os emblemas de folhas do palais royal que os sitiante da bastilha os tentaram no início da regeneração humana.

Pois bem meus senhores, é para esse símbolo que hoje convergem nossas vistas e para o qual devem estar sempre voltados todos aqueles a quem incumbir a missão de moldar caracteres e formar sociedades.

É um fato a saís divulgado da história contemporânea que a vitória das armas prucianas na guerra com a França foi devido menos a legião de *molpa* do que aos mestres da escola no dizer do próprio Guilherme I.

Foi por uma lenta e segura sedimentação do caráter alemão que se forjavam os elementos desse triunfoso ruidoso que ainda hoje abate o orgulho da França no conserto das civilizações.

E mais notável ainda é meus senhores e meus caros discípulos (p. 19) pelos nossos dias correntes o brilho das vitórias dos búlgaros na guerra balcânica contra a potência da sublime porta – leio agora (edições kunir, ce qui prepare le trionph debut la guerra, L'educacion, 1913, nº 4 mars) que o despertar desse pequenino porém assombroso povo peninsular já é admirável desde 1877 pela profusão de suas escolas que se fossem postas em paralelo com as de qualquer das cidades da Europa ocidental certa vantagem estaria ao lado desses valentes eslavos do Danúbio inferior.

Dois profundos males afligiam o povo búlgaro: de uma parte a influencia da religião e da língua helênica pretendendo avassala-lhe o caráter; de outra o domínio político da Turquia.

Foi somente da escola que partiu toda reação a 100 anos atrás a ninguém seria dado supor que os búlgaros eram eslavos em vista da obra de desnacionalização que os sacerdotes fanariotas (p. 20) (cisma grego) haviam conseguido fazer na Bulgária impondo-lhes sorrateiramente a língua helênica transformada em veículo de sua dominação na Trácia e Macedônia.

Venelino natural da Rutênia e filho de um pop dos Cárpatos publicou em Moscou em 1827 uma obra "os antigos e os novos búlgaros" condensando o sofrimento e a escravidão das numerosas colônias búlgaras na berçarânia em cujo os seios estiveram.

Essa obra foi uma revelação para os eslavos da região da Bulgária um alento patriótico percorreu logo todo o país o sentimento nacional despertou enfim nesse povo que suportara sem queixa durante quatro séculos a tirania moral dos gregos ainda mais funesta que a tirania política dos Osmanlins.

Quem nos dirá que a Bulgária deve esse livro.

Ensinou-lhe a raça que gemia sob o duplo jugo otomano (p. 21) e fanariota havia conhecido melhores dias que ela tinha um passado glorioso que a língua que os búlgaros se envergonhavam não era um lugar dialeto de escravos mas que havia servido para espalhar o evangelho entre todos os povos eslavos, então o povo búlgaro se lamentou timidamente mas já feito em seu amor próprio é que um raio de esperança havia luzido no fundo de sua alma, foi talvez nesse dia que as recentes vitórias das armas búlgaras foram o inscritas no livro do destino.

Venelino continuou sua obra em outros livros do mesmo espírito fez prosélitos em abrilou e paulauschou de que mercadores eram se transformaram em apóstolos da causa eslava lançando as bases da escola búlgara que devia ser semeadora do princípio de sua renacionalização.

Como não tivesse professores enviaram um monge chamado Neófito à Bucareste ao tempo em que o modo mutuo preconizado (p. 22) por Lancaster para o ensino primário fazia grande sucesso com fim especial de estudá-lo e introduzi-lo na escola da Bulgária.

Realizando tão importante empreendimento Neófito ao passo que se preparava no novo de ensino traduzia os manuais escolares que devia levar ao seu país para onde voltou cheio de entusiasmo fundando a escola de Grabouvo sendo o único professor e diretor o desejo de espalhar a instrução era tão intenso que ele próprio ensinava todas as disciplinas.

A carência da língua em estado de confusão tornou-o gramático como ele já se fizera historiador e geógrafo em falta de melhor.

Os alunos de Grabouvo disseminaram por todo o país a instrução elementar que havia recebido e cada um constituía um sustentáculo da pátria Búlgara contra a influencia grega as escolas se multiplicaram mais tarde se cuidando melhor da preparação dos (p.23) mestres todos se cotizavam para a fundação e manutenção de novas escolas.

Neófito dizia que era preferível construir escolas a levantar igreja depois de 1850 esse movimento se acelerou mais vivamente, os comerciantes davam somas importantes, os homens ricos legavam toda a sua fortuna para obra escolar, cada aldeia queria a sua escola e já a escola de Grabouvo não podia fornecer tantos mestres.

E de tal modo essa campanha nacional se operou que hoje nos contingentes fornecidos a exército há apenas 2% de analfabetos!

O exemplo dos búlgaros e deveras sugestivo da escola Grabouvo saíram as legiões fecundas que infiltravam nas camadas daquele povo eslavo a idéia de uma pátria búlgara a quem era possível que coubesse até mesmo o início de toda civilização no entender de abalizados escritores. (p. 24)

Aí está como pode uma pátria se fazer, consolidar e engrandecer pela missão dos mestres, os abnegados servidores obscuros mas conscientes que numa preparação modesta, ininterrupta e sólida argamassam no coração da infância os germes que a tornarão grande e forte e patriota.

Eu estou cada vez mais convencido de que a origem de todos os males é a ignorância: mas as ignorância das normas de educação na família, a carência das escolas, o pouco caso da sociedade, na obra que é a sua base o seu fundamento indispensável.

Assim como daquela escola que Neófito fundou e a que deu o melhor de suas energias, saíram as gerações que se multiplicaram e fizeram dos infelizes búlgaros o povo cuja heroicidade e patriotismo ao mundo inteiro agora pasmou, eu tenho bastante fé que da nossa escola normal ainda vacilante em seus primeiros passos mas servida por grandes, (p. 25), dedicações e grandes entusiasmos saiam também as legiões que hão de transformar os filhos deste pequeno trecho de terra brasileira numa gente varonil e educada que sabe cultivar a sua formosa pátria e adorar o seu símbolo muitas vezes formoso.

E porque será essa a obra de todos os mestres digno do seu apostolado mas superiormente patriótico do que literário ou artístico é que prezados discípulos ao vir dar-vos a mão e acompanhar-vos na colação do grau eu invoco essas idéias da pátria através da bandeira e da missão a desempenhardes no exemplo dos búlgaros unificando-as no vosso espírito para sempre apontar na trilha da vossa conduta.

Assim entendido a pátria deixa de ser essa abstração fria e que tende a desaparecer porque ela deve existir no animo fecundo dos mestres e infiltrando-se no coração amoldável da criança crescer e se avolumar na constante persecução de seus gloriosos destinos. (p. 26)

Conheceis a bela lenda dos encontros simbólicos de Buda e que determinaram a sua vocação, ele era filho de reis, portanto da melhor das castas hindus, educado na ociosidade e no luxo do palácio muito receava seu pai pelo seu ar meditativo evitando-lhe qualquer espetáculo penoso.

Buda viu porem certa vez ao passear no parque, um velho decrepto e arrimado a um bastão e o seu companheiro foi obrigado a ensinar-lhe o que era velhice

para a qual toda humana criatura propendia. Alguns dias depois um pobre homem doente se deparou e ele aprendeu então o que era a moléstia a que nenhum homem podia escapar e afinal uma terceira vez encontrou um enterro, sabendo aí que a morte é o termo fatal de toda existência. Esses três encontros produziram no jovem igual tama uma impressão tão forte, orientaram de tal modo os seus pensamentos (p. 27) que ele abandonou a casa paterna disposto a viver na solidão e a alcançar sua liberdade no desprendimento das terrenas coisas.

Certo não sereis segundos Tomos de Buda de onde vindes trazeis já a convicção serena da sorte que vos aguarda e a envergadura moral do educador. Armados dessa couraça impenetrável que a escola vos deu num curso de longos quatro anos quando honras só lhes deste e a vós proveito enorme eu confio que combatereis denodadamente os males de vós já bem conhecidos: a ausência da educação, o analfabetismo e os prejuízos sociais que pretendem deturpar o nosso esforço e anquilosam o caráter nacional.

Dedicaí-vos ao vosso mister, ao desempenho do vosso sacerdócio com o mesmo amor e o mesmo zelo que provastes no tirocínio hoje encerrado e eu ficarei tranqüilo porque sei que a vitória será unicamente vossa. Disse. (p. 28)